

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
LARGO DE S. FRANCISCO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
COMPANHIA EDITORA DO MINHO

ACÇÃO SOCIAL

SEMANARIO CATÓLICO
(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

ASSINATURAS
Ano... 10\$00 Semestre... 5\$00
Pelo correio, mais o porte.

ANUNCIOS
Linha (corpo 12)... \$50
Repetição... \$40
Comunicados linha... \$70

DIRECTOR E EDITOR—Abade Alexandrino José Leituga

ADMINISTRADOR—P.º António Esteves

PROPRIEDADE da Empresa da "ACÇÃO SOCIAL,

Padrões da Guerra

Do ilustre comandante militar do 3.º Batalhão de infantaria 8, aquartelado nesta vila, recebemos a seguinte carta, que gostosamente publicamos:

«... Sr. Director do jornal «Acção Social» — Barcelos

Acabo de ler o artigo «Padrões da Guerra» — publicado no jornal da digna Direcção de V...., no qual se diz estar constituído, neste concelho, há mais de um ano, uma comissão destinada a angariar donativos para a construção, nesta vila, dum Monumento aos Mortos da Guerra.

Há um equívoco que quero desfazer, como me cumpre.

A comissão aqui organizada, há dois anos, pelas pessoas mais categorizadas deste concelho, sob a presidência do Ex.º Sr. Dr. Bernardo de Sousa Brito, ilustre Juiz de Direito desta comarca, tinha por fim obter donativos para os Monumentos—Padrões da Grande Guerra—a construir na Africa (Angola e Mocambique) e na França (Flandres), onde as nossas tropas se bateram.

Esta comissão local era uma delegação da grande comissão organizada em Lisboa pelos mais ilustres militares, combatentes da Grande Guerra, entre os quais S. Ex.ª Rev.ª o Bispo de Beja, que foi um dos Capelães do C. E. P. que pelos seus nobres feitos mereceu as mais elevadas condecorações.

Mas, para o Monumento a erigir nesta vila, comissão alguma se organizou, pois ao Município compete prestar esta homenagem, pelo que, já por mais duma vez, apelei publicamente para a actual Câmara Municipal, afim de que tal manifestação de gratidão fosse levada a efeito.

Aproveitando esta ocasião, devo dizer a V.... que o povo de Barcelos soube corresponder, duma forma admirável, ao apelo feito pela referida comissão, sendo um dos concelhos que mais generosamente concorreu, como pode ser verificado no quartel do 3.º Batalhão de inf.ª 8, para tão patriótica subscrição, para o que, grato me é

testemunhar, muito contribuíram os Reverendos Párcos, os dignos professores primários e um grupo de distintos cavalheiros e senhoras que muito conjuvaram aquela comissão, demonstrando assim a alta compreensão que tiveram dos fins desta patriótica cruzada.

Confessando-me grato pela publicação desta carta no seu conceituado jornal, subscrevo-me, com a maior consideração

De V....
Mt.º At.º Ven.º
Afonso Henriques Barbeilos
Pinho
Major.º

Barcelos,
7-4-24.

Agradecemos as explicações que nesta carta nos são fornecidas, e que nos dão ensejo, para dirigirmos o nosso apelo á Ex.ª Câmara, que não deve protelar, de modo nenhum, o levantamento deste monumento, homenagem e dívida de reconhecimento para com os que tão heroicamente se bateram e morreram na grande guerra—olhos fitos na Pátria, no seu engrandecimento e nas suas glórias.

Vimos o monumento de famalicãoe confessamos que nos satisfaz plenamente. De granito são apenas os alicerces. O pedestal, o obelisco, a figura da Fama, com a sua tuba e o leão adormecido, tudo é de mármore branco e finissimo. Famalicão, nossa vizinha, vivendo paredes meias connosco, envergonha-nos.

Mãos, pois, á obra. Pense nela a sério a nossa vereação municipal e cuide, sem perda de tempo, da sua realisação.

Pede-o o nosso patriotismo e o nosso bom nome.

ram, irreverentes e impassíveis, os executores da lei contra os institutos religiosos, lei que não foi obra desta República, mas de governos constitucionais, em comunhão com a Santa Sé...

Eu não sei se o sr. A. L., a cuja illustração me apraz fazer justiça, ripostou ao meu P. S. do penúltimo número da «Acção Social».

E' óbvio que, nesse P. S., eu não tive a veledade de pretender converter o illustrado jornalista, e muito menos de lhe amarrar os colarinhos, como usa dizer-se em vulgar...

Em conversa amena e respeitosa, eu pretendi apenas demonstrar-lhe que a doutrina do Centro Católico está de plena harmonia com a doutrina da Igreja, que pode viver com todas as formas de governo, em determinadas circunstâncias...

Poupando e guardando muito do que poderia dizer-lhe, para não fazer estenhal de erudição barata, apenas ergui uma parte do veu aos erros, crimes e escândalos praticados pela Monarquia no tocante á vida religiosa do país que, em várias épocas da história, mais pareceu viver em regimen de franca hostilidade, do que em amistoso regimen concordatário com a Igreja...

Eu quiz provar ao sr. A. L. que esta República, pela qual eu não morro de amores, e cujos excessos tenho combatido á outrance, não pode, com justiça, equiparar-se aos crimes e inhumanidades cruentissimas do governo dos soviets, como pretende, no seu furor iconoclasta, o sr. A. L.

Respeito muito as opiniões alheias, e nada teria que obter ao sr. A. L. se apenas se tratasse duma opinião literária ou critica sobre assuntos secundários de literatura e arte; mas não se trata de opiniões livres sobre coisas mínimas, mas sim dos direitos inalienáveis da verdade e da moral social, que ao jornalista católico impende defender denodadamente...

Leio nos jornais da semana que num leilão de livros, em Lisboa, nos últimos dias, se vendeu um exemplar dos «Luziadas», discutivelmente da edição de 1572, feita em vida do altissimo poeta, por vinte centos.

Se esta áncia bibliográfica não fosse apenas um snobismo de novos-ricos, diria que Portugal pretendia ressurgir do letargo marasmático em que tem jazido, banhando-se nas águas lustrais da sua epopeia marítima...

Nas estações do poder vai grande gáudio, por se ter obtido em Londres um famoso empréstimo em esterlinos (dois milhões de libras!)

Mas, afinal, os foguetes são mal empregados — trata-se apenas duma banalissima

operação de empréstimo sobre penhores.

A caucionar o empréstimo, vai toda a prata arrecadada no Banco de Portugal, que deixa de ter a necessária reserva metálica do papel em circulação.

Coisas escuras da nossa escuríssima politica!

P. S.

Verrina e não palestira.

Para ser exacto e verdadeiro, era assim que o sr. Albino Leite devia encimar o seu chorrilho de necessidades e infâmias (nada menos!) com que pretende atingir e salpicar e inquinar quem nada teve nem tem com o que aqui está escrevendo um humilde cronista que teve a infelicidade de cair nas más graças do sr. Leite.

Os P. E. ou P. S. (mais correctamente) são tanto da autoria do cronista, como duas gotas d'água caídas do mesmo copo, como dois pingos de cera da mesma vela, caídos no chão...

Isto posto, como preliminar, suponhamo-nos, por hipótese, a palestirar com A. L. que já não merecia esta serenidade que me está repuxando os nervos mal contidos...

Vamos ás ideias que são bem poucas e bem pobres as do sr. A. L. (ídolo consagrado pela nimia bondade dos seus conterrâneos); depois iremos ás palavras, que são incorrectas e malcriadas, ás mentiras, ás infâmias e insultos, que são o lado peçonhento e bilioso do seu insensato arrazoado...

Vem êle muito açodado e inquieto, temendo que as pratas dos conventos, 16 mil contos! (segundo a sua suspetissima e parcialissima aritmética) tenham ido para a Inglaterra, como peñhor dum empréstimo, ou como venda definitiva.

Não sei se isto é assim, nem o sr. A. L. o pode provar.

Sendo-o, é um roubo que me apresso a condenar com todas as veras da minha alma de português e de católico...

Mas sempre direi ao sr. A. L. que estes roubos ás Congregações e ao clero não são exclusivo desta República (em que o centrismo está ajustado, no dizer do sr. A. L.)

Sabe-se que estes bens das Congregações e do clero foram sempre roupa de franceses nas mãos dos maus governos e que os falados bens de mão morta não eram outra coisa mais que uma restituição mínima e parcelar que o Estado estava fazendo ao clero secular, na fruição dos passais, dos presbitérios, das inscrições, etc.

Tendo-o feito a Monarquia concordatária com a Santa Sé, que muito era que a República o fizesse, na primeira arrancada, ao alvorecer do triunfo, num período de terror, quando precisava atirar o osso das reivindicações liberais ás fauces hiantes da Maçonaria e do Livre Pensamento, ameaçadores, e ao seio das massas desorientadas e prevertidas pelos demagogos?

Eu, *Infirmus*, nada tenho que ver, e muito menos o sr. A. L., com a oportunidade — boa ou má — das transições que o ilus-

tra-lo Director da «Acção Social» entenda dever fazer...

Esta intromissão em atribuições alheias só prova que o sr. A. L. é um abelhudo atrevido que mete o nariz onde não é chamado (deixe lá passar o plebeísmo, visto com a sua prosa despejada e destrambilhada me autorisar a perder-lhe todo o respeito...).

Se exceptuar a confissão arrancada á forceps de que efectivamente «houve crimes no tempo da Monarquia, mas de que ela não era culpada... (não? Então quem foi culpado dos factos criminosos contra a Igreja, no tempo da Monarquia? Naturalmente foi esta República com que nós estamos ajustados?

Que tal está o da rebeca? Inocentinho que é o tal sr. A. Leite!

Esses crimes derivaram de circunstâncias anormais: as guerras intestinas e as invasões...

Sério? Então a insinuação régia, por exemplo, feita aos cabidos, para eleição dos Vigários Capitulares—sede vacante—violentando as consciências ao sabor das imposições do caciquismo do Ministro da Justiça, em favor de eclesiástico menos digno por vezes simoniaco, só foi usada em circunstâncias anormais?

Então a apresentação de bispos e de párcos, feita á Igreja pelo M. da Justiça, imperiosamente e batendo o pé, obrigando a Cúria Romana, *pro bono pacis*, a transigir tantas vezes com os mgos dignos, também só foi usada em circunstâncias anormais?

Ora, tenha juízo, sr. A. Leite, e não se meta a padre-mestre, com o entôno da sua infalibilidade tão quebradiça e frágil, como aqueles célebres vimes do apólogo!

Terminando aqui a análise das ideias (tão poucas são as do sr. A. Leite) eu tenho que fazer um acto de arrependimento perante os leitores da «Acção»...

Como toda a gente desta nossa boa terra, eu supuz no sr. A. L. uma autoridade moral e literária, que averiguo agora que êle não possui.

Quem usa dos processos que o sr. A. L. emprega, honrando tão pouco o seu nome, não merece a aura que o tem circundado.

Barcelos tem tido jornalistas dignos deste nome: Rodrigo Veloso, Silva Esteves, Soucasaux, António Albino, e outros, e outros, uns mortos, e outros afastados das lides jornalísticas...

Dava gosto lidar com esta gente e discutir com estes homens...

Albino Leite é como êstes individuos que sempre aparecem, atrevidos e repontões, que nunca bateram em ninguém e tem fama de valentes. Ninguém sabe quantas peles êles põem ao fumeiro, mas todos tremem e batem o queixo na sua presença...

Pois bem, chega um dia em que o ídolo cai por terra, arrastando nos destroços poeirentos a fama dos feitos famosos que nunca praticaram.

Albino Leite era um Nabucodonosor de via reduzida. A fragilidade dos pés de barro, em que assentou a sua fama, precipitou-lhe a queda definitiva.

A' LA DIABLE

(CRONICAS LIGEIRAS)

Do meu leito de enfermo (porque *Infirmus* não é somente o pseudónimo do pobre cronista, mas a versão latina, exacta e verdadeira, do meu estado patológico há muitos meses) estou recordando aquele episódio, a um tempo triste e jocoso, da expulsão dos frades, narrado por Herkulano, em que os esbirros armados, assaltando o convento de franciscanos, e ta-

lando tudo, entraram, de rodão, na cela dum pobre frade enfermo e octogenário, intimando-lhe a saída imediata do convento. O pobre velhinho, de faces maceradas pelo jejum, de mãos encarquilhadas e transparentes, objectoulhes que não tinha na terra parentes nem aderentes, e que o seu único amigo era um canário que pimpalhava, ao canto da cela, em gaiola arcaica e quasi desmantelada.

—Pois vá o frade para a gaiola do canário—carcalha-

A BEM DE BARCELOS

Como é possível juntarem-se os homens de boa vontade quando se trata do interesse local—Um exemplo que enobrece e que diz muito.

Como já nestas colunas dissemos, um poderoso grupo financeiro tomou firme a emissão das novas acções que eleva a 5.000 contos o capital social do Banco de Barcelos, facto que animou e apressou a execução do vastíssimo plano de desenvolvimento do estabelecimento bancário da nossa terra que breve será, como não resta já dúvida, um grande valor a actuar no desenvolvimento comercial e industrial de Barcelos e que muito há-de contribuir em benefício de todos.

Em volta do nosso estabelecimento bancário, criou-se, pois, uma atmosfera de simpatia e de interesse, a tal ponto que elementos financeiros estranhos a este concelho não puseram a menor dúvida em oferecer avultados capitais para dar ao referido Banco a expansão larga que lhe vai ter, seguros, como é de crer, de tirarem bons resultados da operação.

Da parte dos barcelenses, a simpatia que já rodeava o Banco começou a manifestar-se mais interessada no seu desenvolvimento e progresso, a tal ponto que se tornou facilissimo interessar nele a acção patriótica e valiosa de elementos muito preponderantes na nossa terra, que numa consoladora compreensão do objectivo do Banco, a este vieram prestar a sua colaboração, ajudando à realisação do plano que fôra traçado.

Vimos referir-nos a uma circular de que temos conhecimento e que nos diz como é possível reunir a boa vontade de todos para a efectivação de uma obra local.

Não há discussões de nenhum carácter, quando a vontade se faz superior a elas. E' o que, gostosamente e com louvor para todos, constatamos nesta circular que não podemos deixar de transcrever, como demonstradora, que é de um grande exemplo de amor pelas coisas da nossa terra e como afirmação enobrecedora de que, quando é conveniente aos interesses de Barcelos, os homens de boa vontade não conhecem barreiras partidárias que os separe.

Eis essa circular que com imenso contentamento aqui reproduzimos, ainda para que todos possam ver que em volta da grande obra do Banco, todos se juntam no louvável empenho de cooperar no seu desenvolvimento e este ser obra de todos:

«Ex.º Sr.—Estan lo aberta a subscrição de acções para elevar a 5.000 contos o capital do Banco de Barcelos,

oferecendo-se assim boa e garantida colocação de dinheiro, nós—como barcelenses e amigos desta terra e tendo em vista contribuir para que o velho Banco continue a prestar a este concelho os serviços importantes que nunca lhe negou e possa tornar-se uma grande instituição bancária que, honrando Barcelos, preste ao comércio e industria nacionais o mais eficaz concurso—guiados por este desejo patriótico, resolvemos vir pedir a boa atenção de V. Ex.ª para este assunto de grande importância para todos, bem firmes de que o Banco de Barcelos, que sempre mereceu o melhor crédito e confiança, tem deante de si um largo futuro lucrativo.

Para dizer a V. Ex.ª da proveitosa retribuição oferecida ao capital, bastará ter-se em conta que, no último ano, este Banco distribuiu 16 por cento ao capital accionista, no que provou o seu progressivo desenvolvimento e a zelosa administração que tem tido.

Muito estimaríamos, pois, que V. Ex.ª, por si e pelos seus amigos, contubuisse para a expansão e desenvolvimento do Banco que já conta 50 anos de existência, aproveitando esta ocasião para bem colocar algum do seu capital.

Agradecendo desde já a atenção que V. Ex.ª se dignar dispensar a este nosso convite, somos com toda a estima e consideração,

De V. Ex.ª

Mt.º At.º & Obgd.º

Barcelos, Abril de 1924.

Conselheiro Manoel Inácio de Amorim Novas Leite, dr. Miguel Pereira da Silva Fonseca, dr. Teotónio José da Fonseca, dr. Aurélio Augusto de Queiroz, Visconde da Fervença, João Duarte & C.ª Lda, José Casimiro Alves Monteiro, Manoel Cardoso de Albuquerque, Sebastião Pereira de Brito, Padre José Francisco Rios Novais, José Barbosa Ferreira Dias, Aurelio Ramos, Conde de Vilas Boas, Dr. Augusto Matos Lopes de Almeida, Humberto Carmoza Coelho Gonçalves, Adolfo José Pereira Cibrão, dr. José Gomes de Matos Graça e dr. Joaquim Gonçalves Pais de Vilas Boas.

Em face desta tão significativa manifestação de interesse por uma coisa da nossa terra, poderá ainda duvidar-se de que não é possível realisar-se a ideia de reunir todos os homens bem intencionados em volta do que interessa a Barcelos—que é o seu progresso, o seu aformoseamento?

Ninguém duvide! A boa vontade pode muito e há-de vencer.

Que esta obra do Banco da nossa terra seja um começo de bom entendimento, o apertar das mãos para uma boa acção local, — a junção de todos os esforços a bem da nossa linda terra.

Quando assim vemos unidos elementos de tamanha preponderância local, não só não podemos ter dúvida de que a obra de expansão do Banco deixe de ser uma obra de Barcelos, como não podemos duvidar de que amanhã, quando for necessário, todos os mesmos elementos se juntem para a realisação de outro ideal da nossa terra—que é o bom entendimento de todos a bem de Barcelos.

Muito bem.

Intolerável

Não estamos, em verdade, acostumados a ver descer-se tanto, a tanto se atascar, a tanto se afundar a... imprensa, no lamçal da falta de dignidade!

Ferido em pleno peito o Centro Católico e as suas claras doutrinas, que o episcopado nos prega, pelo sinatário do «Palestrando» e isto primeira, segunda, terceira e mais vezes, mandou-nos o dever sair à estacada. Fizemo-lo, em dous artigos, vestindo os punhos rendados com que os contadores da média idade se cumpimentavam, antes da pugna.

Transcrevemos também um artigo do «Observatore Romano» e os comentários do nosso colega As Novidades. Colaboradores nossos, que muito presamos, vie-

ram também em defeza da boa doutrina e aqui encontraram, e sempre encontrarão, franca acolhida. Neste jornal, o que fôr publicado sem assinatura, sem pseudónimo ou sem iniciais, é da integra responsabilidade da direcção. Não quer isto dizer que não perfilhemos as doutrinas dos nossos illustres colaboradores. Pelo contrário, as suas e as nossas doutrinas são a mesma doutrina e aquela que os católicos de boa fé devem tomar por norma. Mas quer apenas significar que a redacção e, se quizerem, a responsabilidade nos não pertence.

O illustre *Infirmus*, cujo vigor jornalístico e vernaculidade de estilo admiramos há mais de trinta anos, tem-nos mimoseado com as suas brilhantes crónicas, às quais tem tido necessidade de lhes juntar alguns *post scripta*.

Pois o *Palestrando* encurralou a cabeça na sua proverbial teimosia e... o P. S. de *Infirmus* teve de ser da autoria da direcção.

Era de *Infirmus*, tanto o último P. S., como tudo quanto com aquele pseudónimo, tem sido publicado neste jornal. São tão belas e tão profundas as suas crónicas, que nem temos a coragem de lhes alterar uma virgula.

Mas, é preciso que sejam permissão da direcção? Cada qual... tem a sua mania. Isso, porém, ainda é o menos.

O que revolta são os mimos de literatura... clássica com que se vem a público.

Vamos dar algumas amostras desses dmos, desses vômitos, que provocam náuseas, para os que leem o nosso presado colega *O Barcelense* e para os que o não leem.

Os que o leem já devem ter concluído que as ofensas se repelem nobremente e a elas não responde quem se presa e é digno. Não ofende quem quer.

Os que o não leem tiram a sua conclusão: o naufrago, quando se vê perdido, agarra-se, para sua salvação, à última tábuia que boia sobre as ondas. Depois... quando nada tem a que se agarrar, deixa-se ir para o abismo e já não admira que ejacule d'estes... primores de eloquência e de correcção:

«Conheço *Infirmus* e sei que é incapaz de escrever cousas... *corcundas*».

«Quem súrepticamente poz aquele P. E. é... *marinello*; tem manha e ronha... Pretende cantar de cônego e lá se põe a estender a aza á... galinha republicana e a esgravatar na... cova da Monarquia, em procura de minhoca para dar à sua... galinha»

«Mas agora é que eu vejo bem quanta razão tinha o... «Martinho», em contar aquela história das máscaras que usava certo prégador (?)...»

«Cá estou observando como o tal do P. E. do *Infirmus* muda de máscara».

«Entra de crocodilo... medeia de raposa e sai... pela porta da capoeira com as galinhas no papo, sonhando já ver-se todo emplumado com arminhos de... coruja e de... cauda em dias de festa solene».

«...é para não ter aqui que contar o... desmaio que teve um santo ao ser retirado do seu altar para ser *rifado*!... caíndo sobre o lombo do *profanador* (mentira, ou torpe invenção das mulheres do soalheiro), deixou-lhe tão largo arquiamento que até parece a... Mala Real Inglesa... baloiçando em alto mar»

Ao que desce a imprensa!!! Tem resposta? Tem, mas não num jornal católico; portanto reduzimo-nos ao silêncio.

E' que a resposta não podia deixar de ser de chicote, ou à Nicolau Tolentino. E a nossa pena não esvurma tais venenos.

Satisfazemo-nos em expôr à contemplação dos leitores a subida elevação de pensamentos tão... altos e tão subtis...

Que fecundidade! Que magestade! Que beleza!... de hortaliça!

Ah! Gutemberg, Gutemberg... E ainda há mais.

Ouçam: «... a «Acção Social»... *pulha* e *pança*...» em defeza *ranhosa* da república...»

E, depois disto, vem a dizer-nos que o *palestrando* é só «para os que o quizerem escutar em silêncio».

E tem de ser. E' de necessidade realmente que o vácuo se faça, a não ser que bem se desinfecte e... se desobrigue e que não publique d'estes... vá lá, dislates:

«...o mascarado observador e deslealissimo... *reponção*; «...desata a berrar como um *doído*; «num exagêro e arrancos de *alucinado*».

Que catolicões! E que classicismo de literatura?

Responder a isto?... Ora, adeus.

Para nós, é-nos absolutamente indiferente que ponha ou deixe de pôr ponto.

Nós é que, pouco nos importando contemplar o algoz odiado, a comprazer-se em atormentar a... *vilima*, *nunca* deixaremos, sempre que nos convençamos ser de necessidade, de doutrinar os católicos, os católicos integrais, os católicos de boa fé, os católicos que não pontapeiam a disciplina da Igreja, nem desprezavam os ensinamentos dos bispos.

Nunca por isso os deixaremos esquecer esta doutrina: «A Igreja tem autoridade directa ou indirecta ou directiva, mesmo nas coisas temporais e políticas—A Igreja tem o direito de exigir dos católicos uma determinada atitude política».

A exposição da verdade, com a clareza e limpezza da água destilada, não é a defeza do regimen vigente, a quem tantos males e crimes a Igreja, e os seus ministros devem. Não; é não se deixar cair nas malhas da cega intransigência, é querer obedecer à voz legitima dos nossos Pastores.

Com eles e comnosco, é também a oportunidade de tratarmos assuntos de piedade ou de devoção e de deixarmos falar as *cachopas* das aldeias ou as senhoras elegantes das cidades.

Chacun á sa place. Para os católicos, sempre falaremos. Para os energúmenos... em paz...

Pode o *Palestrando* procurrar *gracejar*, como diz, mas sem nunca descer ao insulto soez, sem cuspir afrontosos doestos, sem escrever com a pena conspurcada de lama, sem vomitar expressões das sarjetas. Deve desinfectar-se e lavar-se e depois trilhar o caminho do escritor que presa a sua dignidade pessoal, sem frechar insultos ao seu próximo. E' que os tiros, assim ervados de insultos e afrontas, desfechados contra os outros são balas que de ricochete ferem apenas quem usa tais armas.

Não se entre para a liça dos combates leais, com a fúria dos desorientados. São processos que não honram.

As transcrições que fizemos e que só provocam o nojo foram a unica razão para nos despedirmos do tal *Palestrando* com estas *solemnia verba*.

Fique-se o *Palestrando* com o estrondoso triunfo e com a incomparável glória de ser artista em bolsar insultos e cantar defeitos físicos.

Não lhe invejamos êsse triunfo e essa glória. Pavoneie-se o plumitivo com a fúlgida corôa de tão brilhante triunfo e de tão imarcessível glória, como o arlequim de circo, ao soltar estrepitosas gargalhadas, quando conquista palmas da basbáquica plateia.

Fique-se e pavoneie-se. Nós ficamo-nos com a alegria que dá a consciência do dever cumprido, ficamo-nos com a certeza de, em união com a Santa Sé e os Bispos, ter escrito a única doutrina verdadeira. E nunca nos penitenciaremos de a escrever e de a ensinar, no apostolado augusto do nosso ministério.

Parodiando-o, também lhe dizemos:

Vá com Deus. Fique com Deus.

ADIVINHA POPULAR

Meu pai é de terra, humano, E eu dela também sou composto, E, fazendo-me êle a seu gosto, Me deu, com o homem tirano, Uma ferida ou golpe no rosto. Porém foi por meu proveito Os males que então sofri, Que tão querido me vi Que tive dinheiro no peito, Mas enfim tive mau fim.

Decifração da última publicada:—*Vela de cera*.

Aí o teem, estendido e inútil. Julgou-se um plumitivo deraça, e saiu um cómico fundibulário.

Quiz ser engraçado e gracioso, e resultou trunão e chocarreiro... Passava por ter muita *sabença*, e provou-se que só tinha pretensões balofas, e farófiás bafientas...

Eis o homem que eu ofereço ao pascio dos vermes e dos insectos que sobrem do banquete lauto no corpo do lazarento de Tolentino...

A'cerca de gibos e *encurdas*, eu conheço muita gente que se supõe são e escorreito e tem cada aleijão na alma torpe e linfática!... E' um louvar a Deus!

De máscaras, sr. A. L., *cara te ipsum* e guarde a sua, e continue a ativelá-la nas sacristias, no sopé dos altares, com o balandru das Misericórdias e Confrarias, junto dos púlpitos, ou na casa dos bons católicos e bons padres, dando-lhes a impressão de que Maquiavel sabe apresentar muito bem o seu papel, *travesti* de irmão de S. Francisco...

Infirmus.

ORFEÃO BARCELENSE

Récita de gala

Dedicada aos ex-combatentes da Grande Guerra e para solenizar o 1.º anniversário da sua fundação, deu ontem uma récita de gala, no Teatro Gil Vicente, o Orfeão barcelense, instituição que nos deve envaidecer, pelos crescentes progressos com que sempre se apresenta.

Cantado o Hino nacional, discursou, com entusiasmo e elegância, o sr. dr. Bernardino Justino dos Santos Andrade, illustre Delegado do Procurador da República. Falou com brilho, vastezza de conceitos e profundeza de pensamentos. Disse que a música nos delicia a alma. Tudo canta na natureza: as arvores, os ventos, as aves, e o mar; mas o orfeão sobreleva êstes cânticos, porque canta com intelligência. Saúdou o seu director-musical, os orfeonistas e a direcção, que teve a patriótica ideia de aliar os seus anniversários aos da data histórica e patriótica de 9 de abril, data dolorosa mas que encheu de glória a bandeira de Portugal, porque em La Lys o soldado português se evidenciou soldado de raça.

Apresentou-se o orfeão, como nunca; o conjunto harmonioso, a certeza da execução, a melodia nos brandos e a justeza nos fortes, obriga-nos a um comovido e sincero *bravo*.

Muito bem. Felicitamos o seu director-musical, artista consumado, bem como todos os orfeonistas, que tanto a peito e tão conscienciosamente tomaram o seu papel.

O grupo dramático agradou muito.

Além dos números do programa, cantou um monólogo o sr. Manoel Pereira, de Barcelinhos, que arrancou fartos aplausos. Honrava qualquer companhia de nome.

Com muita naturalidade, representou a sr.ª D. Maria Irene Lopes e muito agradaram também os sns. Vilas-Boas e Manoel Ferreira.

Foi uma noite bem passada. Tanto a ex.ª Direcção, como todos os orfeonistas e todos os que entraram na peça e na comédia, merecem os nossos louvores.

Festas das Cruzes

A comissão destas tradicionais festas procura imprimir-lhes o maior realce, enriquecendo o programa com números muito atractivos.

Está a despertar, em todo o concelho, o maior entusiasmo a Parada Agrícola, que em Barcelos sempre tem atingido importância e deslumbramento como *vedores*.

Indústria lucrativa

ABELHAS

Nenhum principiante começa com mais de duas ou três colmeias. Acalme os entusiasmos. Leia e releia qualquer tratadista e não se deite fora das regras, nem despreze o menor conselho dos mestres.

Se, depois do primeiro ano, sentir o mesmo entusiasmo (e, se fôr trabalhando com prudência, há-de sentir cada vez mais) então vá aumentando o número, conforme lhe aprouver.

Mas, fechemos este parêntesis e vamos cuidar da nova colmeia e acompanhá-la da nossa observação.

Seguindo as nossas ocupações o permitem, temos ido espreitar seu movimento. Não lhe mexamos, contentemo-nos com olhar. Dentro em poucas horas, está-se a normalizar o movimento: entram obreiras *calçadas*, outras arrastam para fora detritos da nossa operação... Descansemos, tudo está a correr bem.

O nosso serviço pareceu-nos mal acabado, imperfeito; mas ficou suficientemente bem.

Lá dentro, há um entusiasmo febril, limpando, retocando, compondo. É a família numerosa, activa, apinhada até gora como a sardinha na canastra, numa misera choupana, que entra num palácio com todos os cómodos e confortos.

Estamos no fim do segundo dia e pelo movimento que notamos não há nada de anormal?

Vamos alargando as *corredizas* da entrada, de modo que as abelhas saiam e entrem livremente. Durante uns 15 a 20 dias úteis, isto é, de activo serviço, contentemo-nos com olhar. E não é pequena distração; cura até neurastenias.

Já passaram 20 dias de bom trabalho?

Está um dia calmo? Já as obreiras trabalham com toda a actividade?

Preparemos dois quadros com cera moldada, alicate, escôva, levanta-quadrados, faca, fumigador aceso e, pelo menos com um ajudante, de máscaras e luvas, vamos proceder à primeira visita.

Colocamo-nos do lado oposto à entrada, tiramos a cobertura superior, levantemos um pouco a cobertura que cobre imediatamente os quadros e fumigamos com força. Passados poucos minutos, tiramola também. Alargamos as *divisões*, vamos fumigando e levantando de mansinho os quadros, um por um.

Que maravilha! Está tudo emendado, tudo ligado, e a cera moldada puxada, tudo cheio de criação!...

Que encanto! Como é grande o poder de Deus!

Como se revela dum modo especial nestas suas criaturas! Cortemos as vergas de arame, tiremo-las a modo e vamos fumigando de vez em quando. Colocados os favos em seu lugar, metemos de cada lado um quadro de cera moldada, aconchegamos as divisões e cobrimos tudo como estava.

Se não estivesse tudo tão bem, mas estava, deixava-se alguma verga que fosse precisa e empregava-se alguma de novo, se algum favo estivesse empenado.

E se a cera moldada não estivesse puxada, não se lhe punha mais, até ver.

Onde vimos um casulo de espécie de teia de aranha, com uma pinça, ou mesmo com a ponta da faca, procuramos e matamos as larvas da traça.

Todos os apetrechos no res-

pectivo lugar, sente-se o nóvel apicultor a ver o trabalho da colmeia.

Então, que me diz? E' ou não é tudo isto um encanto, uma distração maravilhosa?

— Já não é preciso o maldito cigarro para espalhar, já não apetece sequer dormir a cesta.

— Pois bem; se quer isto como simples distração e para colher um a três cântaros de mel, bastam-lhe três colmeias.

Se aspira a mais largos horizontes e a região é melífera, vá-se preparando para, no futuro ano, pôr a funcionar mais algumas.

Vamos aos poucos. Continue a ler e por ora não mexa na colmeia.

Dir-lhe-hei quando convem voltar a visitá-la.

P. S. No último número, saiu colado por colocado, *agricultor* por *apicultor*; etc. Tudo era de fácil compreensão para o leitor. R.

FRANQUEIRA

(Da Chronica da Soledade)

X

22 — Depois da morte dos Veneráveis Fundadores vierão os nossos Padres Claustraes para aquele sitio, e com a sua vinda se extinguirão de todo os Eremitas, que alli vivião. Diz o referido Chronista, que esta vinda dos Padres Claustraes para aquele lugar seria no anno de 1497, sem ter para assim o dizer mais fundamento, que o seu entender. Mas o certo he, que o anno da dita vinda sepultou o tempo no chão do esquecimento, como fez ao em que elles entrãrão no Convento de Chaves, e o em que também entrãrão, ou fundãrão o de Azurara, que todos juntamente forão delles, e passãrão para nós.

Vivião elles no Convento de Azurara, que fica distante trez para quatro leguas, ainda mais apertados no sitio, do que nós hoje o possuímos; e como erão muitos, determinãrão fazer no termo da Villa de Barcellos hum Recolhimento onde alguns delles habitassem, e dalli com a sua deligencia acudissem com o provimento necessário para ajuda da subsistencia dos que estavão no Convento; e como o referido sitio do Monte da Franqueira era muito acomodado ao seu intento, vierão a elle, e junto da Ermida do Bom Jesus refizerão as casas em melhor forma regular, murãrão uma diktada cerca, e alli se recolhião de ordinario cinco, ou seis e dalli sahião a fazer a diligencia necessaria para se sustentarem o que vivião no Convento de Azurara, e alli existirão até que aos nossos primitivos Padres foi dado aquelle sitio.

Capitulo IV — Reedificação do Convento.

23 — Também os grandes, e egregios Escritores se enganão muitas vezes no que escrevem: assim se enganãrão o Illustrissimo Gonzaga (*Gonzag. in Prov. Port. Com. 23. Wading. adann. 1505 num. 43.*), e o famoso Annalista Vodingo, e depois destes, todos os que os seguirão em dizer que o nosso singularissimo Protector D. Jaime, quarto Duque de Bragança, nos edificára o Convento do Bom Jesus do Monte da Franqueira, sendo certo que á instancia do mesmo Duque, por ser em terra sua, o deo aos nossos Padres primitivos o Mestre Fr. João de Chaves, Ministro Provincial da Claustra, juntamente com o de Chaves, e Santa Sita (*Supr. liv. 1. cap. 5. n. 44.*),

como deixamos escrito, o que confirmãrão o Summo Pontifice Julio II por seu Breve passado em Roma a 7 de Janeiro de 1508 no quinto anno de seu Pontificado, e o Ministro Geral de toda a Ordem Serafica Fr. Reinaldo Garcia por sua Patente passada na mesma Curia Romana a 13 de Fevereiro do mesmo anno. Atribue o dito engano o R. P. Chronista (*Chron. Provinc. da Pied. liv. 2 cap. 12 n. 8*) da nossa Santa Provincia da Piedade aos informes, que se derão ao Illustrissimo Gonzaga; mas na nossa mão temos os próprios, que se lhe derão, e estes dizem, que o Duque D. Jaime nos dera o Convento do Bom Jesus de Barcellos (que he o do Monte da Franqueira) e não que o edificára, e he verdade que o deo, porque, segundo a regra de Direito Canonico, *qui facit per alium, est per inde, ac si facit per se ipsum*, mas deo-o já edificado. Diz mais o mesmo Padre Chronista, que o mesmo engano lera nos Memoriaes da Provincia da Soledade. No tempo, que o dito Padre imprimio a sua Chronica, tinha esta nossa Santa Provincia da Soledade poucos annos, e os Memoriaes, que tinha, erão os da sua da Piedade, e nelles o que lemos he o que elle diz, e nós dizemos, que o Duque nos dera o Convento já edificado.

(Continua).

P.^e José Joaquim da Fonseca Figueiredo

Ante-ontem, saiu este nosso saúdoso e piedoso sacerdote da sua casa, na freguesia de Gilmonde, com intenção de celebrar o santo sacrificio da missa.

Sentindo-se indisposto, perto da igreja, dirigiu-se, já com dificuldade, para casa do rev. Pároco, auxiliado por um parente.

Ai, uma forte hemoptise prostou-o, em pouco mais de dez minutos. Na véspera, havia-se confessado e, em casa do rev. Pároco, parece que providencialmente, recebeu os últimos Sacramentos e ai faleceu.

Em sufragio da sua alma, foram ontem cantados officios de corpo presente.

Em turnos, o clero presente segurou as borlas do caixão, até o cemitério, onde, de joelhos, foi cantado, com pausa e ternura, o *Clementissime Domine*.

A chave do caixão foi confiada ao rev. Domingos Figueiredo, daquella freguesia, intimo amigo do pranteado P.^e Fonseca Figueiredo.

Os nossos sinceros cumprimentos de pesar à familia em luto e aos nossos leitores pedimos fervorosas preces, para que o Eterno tenha á sua vista, nos esplendores da luz perpétua, a alma do saúdoso extinto.

COOPERATIVA BARCELENSE

Na última quinta-feira, reuniu em assembleia geral extraordinária a Cooperativa de Barcelos.

Por aclamação, foi reiterado um voto de plena confiança, tanto á Direcção, como ao Conselho Fiscal e Meza da Assembleia Geral.

O sr. Presidente comunicou que o sr. Conde de Vilas Boas, tendo em alto apreço a mensagem que lhe foi apresentada por considerável numero de barcelenses, na qual lhe era pedida a sua conservação nas Associações e colectividades onde vinha desinteressadamente prestando os seus serviços, lhe havia feito a afirmação de que re-

tirava o seu pedido de demissão, desde que a Assembleia Geral lhe confirmasse o seu voto de confiança, e que todos os corpos da mesma Cooperativa, que se tornaram solidários com s. ex.^a, faziam idéntica declaração.

Reiterada por aclamação plenissima confiança, ficou pela Assembleia Geral encarregado o sr. Presidente de procurar pessoalmente o sr. conde de Vilas Boas, para lhe agradecer o seu valioso sacrificio e pedir que continue a desenvolver, como até aqui, a sua intelligência e actividade, para a prosperidade da Cooperativa.

Ficou também resolvido mandar a s. ex.^a cópia da acta desta assembleia geral extraordinária.

Ecos e Noticias

Pedida

Pelo ex.^{mo} snr. dr. Francisco Rodrigues Torres, foi pedida em casamento a ex.^{ma} sr.^a D. Elvira Fernandes Faria, filha do illustre solicitador José da Graça Faria, para o snr. Abilio Rodrigues de Sousa, gerente da «Panicadora, Limitada».

A noiva, que recebeu esmerada educação, é mui prendada, pela elegância correcta do seu porte e pelas formosas qualidades do seu coração. O noivo, de condição humilde, impõe-se pela sua conduta sem deslises e pelo seu entranhado amor ao trabalho. E' um casamento auspicioso.

Sportismo

No próximo domingo, deslocar-se há da Póvoa de Varzim o 1.^o grupo do Varzim Sport Club, para se encontrar com as 1.^{as} categorias do União Foot-ball Barcelense, no campo desta vila.

Mais prisões

Em Palmeira (Braga) foram presos pela G. R., três individuos, averiguando se depois serem fugitivos da cadeia desta vila. Foram surpreendidos pela patrulha a cavallo, quando cosinhavam carne de porco, que haviam roubado ao snr. José Leite, da mesma freguesia. O valor do roubo foi de 800\$00.

Dr. Vasco Morgado

Não foi levada a efeito a exoneração do actual Governador Civil de Braga, snr. dr. Vasco Morgado.

Partido radical

Com a aprovação do Directório, está constituída a comissão política municipal do partido radical.

E' assim composta: Francisco Cardoso e Silva, Abilio Sobral, Miguel Macedo Gajo, Manoel da Silva Correia, Armindo Miranda, Hilário Barreiros e Flávio de Sousa Neiva.

Distinção honrosa

Pelo Conselho Superior da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, foi, por distincção, nomeado 2.^o Assistente de Botânica (Secção de Ciências Biológicas) o nosso estimado patriótico, quartanista da mesma Faculdade, dr. Alberto Alves de Carvalho, filho do honrado negociante Agostinho Alves de Carvalho.

Felicitémo-lo.

Exame

Na Universidade de Coimbra, fez exame de Medicina interna (5.^o anno), ficando plenamente aprovado, o nosso estimado patriótico dr. Aurélio de Faria Lamela.

Muitos parabens.

Circo Olimpia

No Campo da Feira, com intenção de demorar-se até às festas das Cruzes, funciona, em um barracão, uma companhia de circo e variedades, com artistas do Teatro Carlos Alberto, do Porto.

Falecimento

Com 66 anos de idade, faleceu nesta vila a snr.^a Beatriz de Jesus, cunhada do acreditado barbeiro João José de Almeida e irmã da snr.^a Edviges de Jesus Almeida.

Os Bombeiros de Barcelinhos conduziram o cadáver na sua carreta.

O concelho de relance

Campo, 7.

Chegou do Porto o ex.^{mo} amigo snr. João Veloso de Miranda Pereira Barreto.

— Está incomodado o sr. Francisco Barbosa e a filhinha do sr. Guilherme Pinheiro.

Abade de Neiva, 7.

Foi baptisada uma filha de Joaquim Peixoto Rodrigues, recebendo o nome de Amélia.

Foram padrinhos Francisco de Magalhães Matos e Rosa Mendes.

— Vimós aqui o snr. Adelino Lopes dos Santos, acreditado negociante, do Porto.

Areias de Vilar, 8.

No próximo domingo, tem lugar nesta freguesia a magestosa procissão de Passos, com sermões do Pretório e Calvário.

A procissão será abrilhantada com a afamada banda de Cabreiros.

COMPANHIA EDITORA DO MINHO

Socied. An. de Resp. Limitada

Assembleia geral ordinária

Não se tendo efectuado no dia 29 do março, por falta de numero sufficiente de accionistas, a assembleia geral convocada para discussão e votação do relatório e contas relativas ao exercicio de 1923, — tem a referida reunião de realizar-se no dia 17 do corrente, às 16 horas, na sede da Companhia.

Barcelos, 29 de Março de 1924.

O Presidente da Mesa, José Gomes de Matos Graça.

Arrematação

Arremata-se, no dia 13 do corrente, pelas 14 horas, na freguesia de Middões, em leilão particular, o Campo denominado «Campo do minho», com água de lima e rega, sito no lugar do Couto.

O Proprietario,

Antonio Parente Nello.

BRINCO

Perdeu-se, desde a Padaria de S. José, até á «Moderna». Gratifica-se a quem o entregar na Padaria de S. José a L. C. R.

VENDE-SE

Predios e mobílias.

A'S SENHORAS

Chapeus de senhora e menina, executá e modifica com a máxima perfeição e rapidez a preços módicos

Maria A. M. Matos Ferreira

R. Alcaides de Faria

BARCELINHOS

ARTIGOS DE ESCRITÓRIO

Grande variedade na COMPANHIA EDITORA DO MINHO

COMPANHIA EDITORA DO MINHO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital — Cem contos

SÉDE — RUA D. ANTONIO BARROSO — BARCELOS

TIPOGRAFIA oficinas montadas com material aperfeiçoado, aptas a executar todos os trabalhos de impressão, a uma ou mais côres.

ENCADERNAÇÃO oficina em que se tomam todos os trabalhos de encadernação e brochura, e que são executados com perfeição e segurança.

PAPELARIA vendas por junto e a retalho, de papeis de todas as qualidades, para impressão e escrita. *Objetos de luxo para escritorio.*

EMPRESA INDUSTRIAL DE BARCELOS, L.^{da}

(FABRICA DA GRANJA)

Largo da Granja, 9 a 17—BARCELOS

Serração, Carpinteria e Marcenaria

Executa-se, com perfeição e rapidez, qualquer encomenda, com grande vantagem e economia para os Snrs. Construtores e Proprietarios.

Preços sem competencia.

Ismael de Macedo & C.^a

Rua D. Antonio Barroso, 34 e 36

— BARCELOS —

Completo e variado sortido em casimiras, chales, malhas, panos crus, panos brancos e muitos outros artigos.

Um bom sortido em miudesas

PREÇOS DE RECLAME

Mercearia 1.º de Dezembro

DE

BRITO & C.^a

Barcelos { Rua Infante D. Henrique, 27 a 33
Rua Manoel Viana, 1 a 7

Chá, café e papelaria.

Arroz, assucar e bacalhau.

Azeites especiais.

Massas de superior qualidade.

Depósito da COMPANHIA VELHA DO ALTO DOURO.

Bolacha fina, biscoitos de Valongo. Louças e vidros.

Farinhas e muitos outros artigos.

PREÇOS SEM COMPETENCIA.

A CONFIANÇA

PASSAPORTES E PASSAGENS

José Maria Monteiro Torres

Legalmente habilitado

Frente à cadeia — Barcelos

Passagens para América do Norte, Rio de Janeiro, Argentina, Africa Portuguesa e mais portos, etc. Passaportes para França, Espanha, etc.

Procurar esta casa, é ter a certeza de que os seus contratos são sempre fielmente cumpridos, e de que os Srs. passageiros seguirão ao seu destino sempre dentro da legalidade.



Esta casa não tem ligação alguma com a do seu irmão na rua Direita,